

# Comércio precário no coração do poder

19 ABR 2005

TRIBUNA DO BRASIL

**FEIRA DA RODOVIÁRIA ESTÁ ABANDONADA. DOS 447 AMBULANTES QUE TÊM AUTORIZAÇÃO PARA TRABALHAR NO LOCAL HÁ 19 ANOS, NEM MESMO A METADE CONTINUA LÁ**

Diego Recena

Em um dos endereços mais nobres de Brasília existe uma feira de produtos importados e confecções que mais parece uma invasão ou um assentamento. Localizada atrás do Banco Central do Brasil, entre a futura Biblioteca Nacional e o posto de gasolina Touring, a Feira da Rodoviária, como foi batizada, é o que há de mais antagônico ao título, de vanguarda nacional ou patrimônio histórico da humanidade. No centro da capital símbolo da modernidade brasileira, funciona um comércio ambulante símbolo do passado tupiniquim.

Sem nenhuma infra-estrutura, beleza ou características regionais que pudessem lembrar o tão sonhado projeto de Juscelino Kubitschek para a capital, a Feira da Rodoviária está mais para um daqueles comércios do tempo da Cidade-Livre. É época em que Brasília ainda era um grande canteiro de obras. Um giro pelo local é o bastante para confirmar essa realidade. A feira se transformou em um amontoado de barracas de cobertura de plástico azul, estrutura de metal e caixas de papelão.

Do lado de fora, vendedores

de churrasquinho convivem com barbeiros que cortam cabelo embaixo de árvores. Transeuntes se confundem com passageiros de vans piratas. E policiais à paisana tomam caldo de cana na tentativa de aplacar o forte calor do cerrado. No seu interior, a situação é ainda mais dantesca. Os corredores estão vazios. Os feirantes dormem à espera de algum cliente. E as mulheres fazem unha em baldes de plástico. Este é o cotidiano de um dos pontos comerciais

mais bem localizados do país.

Dos 447 ambulantes que receberam autorização do governo para trabalhar no local, nem mesmo a metade continua com suas barracas abertas. Quem não fechou as portas do "negócio", se mudou para a "pedra", calçada entre o Conic e o Conjunto Nacional, que hoje está tomada de vendedores ambulantes. O comerciante Itamar Barbosa Castro, de 48 anos e 16 de feira, diz que o movimento no local é raridade. "Estamos quase vendendo a

janta para comprar o almoço. A feira virou apenas um corredor de passagem".

Ele reclama do governo. Diz que espera há mais de seis anos pela realização de uma promessa de campanha do governador Joaquim Roriz. "Disseram que a gente ia mudar para um espaço ao lado da Rodoviária, com toda infra-estrutura, mas até hoje não saiu". Morador de Samambaia e pai de três filhos, Itamar acorda cedo para ir trabalhar na banca. Vende roupas mas-



O local se transformou em um amontoado de barracas de plástico

Gustavo Moreno

culinas e femininas que são trazidas de fábricas do Goiás e do interior de São Paulo. "Olha só, esta calça jeans de qualidade custa R\$ 32 e a camiseta apenas R\$ 15".

Perguntado sobre os rendimentos, Itamar acha que não vende nem R\$ 1500 por mês. Desse total, ele ainda retira o valor pago pelas mercadorias e as taxas governamentais. Os feirantes gastam semestralmente um total de R\$ 215 em impostos. Organizados em uma associação, eles pagam uma equipe de sete seguranças particulares. Além disso, têm gastos com o uso do logradouro público e com taxas de limpeza. O cálculo é que os feirantes tenham um lucro de 20% no fim do mês. A barraca está orçada em R\$ 1 mil.

A presidente da associação dos feirantes ambulantes de Brasília, Marialva Rocha da Silva, diz que há algum tempo eles ainda tinham lucros, mas hoje "com a feiúra disto, os clientes não entram mais aqui". Ela, entretanto, não culpa o governo. "Eu ainda acredito que a situação vai melhorar e o governador vai dar um lugar melhor para a gente, mas eu acho que acredito nisso porque tenho muita fé em Deus".

## Movimento é muito fraco

Marialva gostaria mesmo de ser transferida para um espaço dentro do caixote do Touring, mas sabe que isto nunca vai acontecer. "Pois vai contra o plano de Brasília". Mesmo com todas as reclamações, esta viúva mãe de dois filhos e responsável por um neto, sustenta a família inteira com o dinheiro ganho na feira. Ela possui uma barraca de roupa feminina e costuma vender peças para clientes que trabalham nos ministérios e no Setor Bancário.

Até mesmo o proprietário de uma barraca de lanches, Geraldo Ferreira Moura, de 53 anos, reclama do movimento. "Está fraco, tá tudo difícil. Não tem estrutura e nem estacionamento, falta organização". As bancas que vendem o tradicional prato-feito ou oferecem comida no melhor estilo self-service são as que mais faturam. E mesmo assim

não faturam muito. Seu Geraldo costuma ganhar em torno de R\$ 250 por mês. Ainda assim está otimista com a mudança para um lugar melhor. "Porque uma feira é uma feira, aqui é uma invasão que ninguém conhece direito".

Na Feira da Rodoviária se encontra de tudo em matéria de confecções e importados. Desde rádios de pilha até calçados estilo italiano fabricados no interior de São Paulo. Dizem inclusive que foi nestas redondezas que o irmão do presidente Lula comprou um cinto para usar no dia da posse presidencial. Lá, só não tem aqueles objetos de cultura popular que identificam os grandes mercados regionais brasileiros. Não há também muitos clientes. E muito menos as marcas registradas de Brasília. Beleza e modernidade.

■ Continua na página - B2